

## Revel na Escola: Gramática Formal e Ensino

Rafael Dias Minussi<sup>1</sup>

rafael.minussi@unifesp.br

Na última década, muitos linguistas formais, especialmente os brasileiros, têm voltado o seu interesse para o ensino, de modo especial, para o ensino de gramática. Isso ocorre por diversas razões. Acredito que entre as principais razões estão os baixos índices de aprendizado, revelados por pesquisas nacionais e internacionais<sup>2</sup>, e a exigência crescente dos alunos nas universidades, que durante as aulas de fonologia, sintaxe, morfologia e semântica, questionam seus professores sobre como levar todo o conhecimento que adquiriram nas aulas de linguística para o ensino básico. Pessoalmente, com meus alunos no curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo, tenho percebido o grande interesse dos alunos quando o assunto é ensino de língua e ensino de gramática.

Esta edição da Revel reúne artigos que fazem uma reflexão sobre o ensino e sobre fenômenos linguísticos a partir de uma perspectiva formal. Podemos dizer que a perspectiva formal nos estudos linguísticos nasce na linguística a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral de Saussure* (1916) e tem como principais expoentes o Estruturalismo, no início do século XX, e o Gerativismo, a partir da década de 1950. Em comum, essas teorias entendem a língua como “um objeto autônomo, independente das intenções de uso e da situação comunicativa” (Wilson,

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do departamento e da pós-graduação em Letras da Universidade Feral de São Paulo – UNIFESP. Membro do Laboratório de Linguagem e Cognição (LabLinC) da Unifesp e do *The Word Lab*.

<sup>22</sup> O Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), na edição de 2018 e publicada em 2019, mostrou que 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos, não têm o nível básico de matemática, o mínimo para o exercício de cidadania, como revelou o *site* do INEP ([http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206)). Em leitura, são 50% de estudantes com o nível básico e os números estão estagnados desde 2009.

2012: 87). O principal nome do Estruturalismo no Brasil é o grande linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr.

O Gerativismo, também conhecido como Teoria da Gramática Gerativa, ou simplesmente Teoria Gerativa, foi formulado pelo linguista norte-americano Noam Chomsky e tem como marco inicial a publicação do livro *Estruturas Sintáticas* (*Syntactic Structure*) em 1957. Os gerativistas adotam uma visão biológica da linguagem, de modo que a língua é concebida como uma dotação genética dos seres humanos e apenas deles. Em seu aparato genético, o ser humano possui uma Faculdade da Linguagem (FL), responsável pela aquisição de língua. A FL pode ser definida como um órgão da linguagem localizado na mente/cérebro de cada ser humano. Cada ser humano, a partir da Gramática Universal, que é o estágio inicial da aquisição de língua, forma sua gramática interna, até seu estágio final, que é a Língua- I: uma língua interna e individual.

Todo o processo de aquisição de uma língua pelas crianças ocorre de maneira natural, graças a essa dotação genética. Basta que as crianças sejam expostas aos dados de uma ou mais línguas naturais. Sem esforço, sem que passem por um treinamento especial, ou “sem que sejam expostas a uma sequência cuidadosa de dados linguísticos” (MIOTO et al., 2013: 25), a criança é capaz de adquirir uma língua de maneira rápida.

Talvez, a maior contribuição do gerativismo para o ensino seja o entendimento de que a criança, ao chegar na escola, já possui um conhecimento linguístico internalizado da gramática da língua que ela adquiriu (ou está adquirindo se for uma criança muito nova) e que esse conhecimento linguístico deve ser levado em consideração pelos professores. Vejam, se tomarmos como pressuposto que a criança já sabe uma gramática, ainda que seja um saber inconsciente da gramática da língua que ela adquiriu, o conceito de ensino de gramática precisa ser reformulado. É a partir disso que surgem questões como: qual gramática ensinar ao aluno? E o que deve ser ensinado nas aulas de gramática? Lobato (2015: 19) faz algumas reflexões sobre o conhecimento gramatical que os alunos já possuem e comenta sobre as questões relacionadas ao ensino de gramática:

Se adotarmos o conceito de gramática como algo dinâmico, interno ao indivíduo e dotado de propriedades que explicam a característica criativa das línguas naturais, vemos que o aluno, de qualquer série, já chega em sala de

aula com uma gramática adquirida, e com propriedades tais que lhe permitem o uso criativo da língua. A escola não vai, portanto, *ensinar gramática* ao aluno, pois o *aluno já chega com uma gramática adquirida*. O que, exatamente, vai ser ensinado ao aluno? O que pode o aluno ainda adquirir? Enfim, em sentido mais amplo, como pode essa nova percepção do que seja gramática *levar* à renovação do ensino de língua?

Em resposta aos questionamentos, Lobato (2015: 20) vai sugerir que para o ensino de gramática deve-se adotar o “procedimento de descoberta. Isto é, em vez de ser taxonômico, o ensino deve levar à descoberta”. Além disso, para a autora, deve-se adotar uma “metodologia de eliciação” e uma “técnica de resultados”. A técnica de resultados consiste em trabalhar com estruturas ressaltando que a cada estrutura, em todos os níveis linguísticos, corresponde um resultado semântico. Assim, segundo Lobato (2015), o aluno verifica por si mesmo que o ensino gramatical tem uma razão de ser, já que o sentido se obtém a partir de uma estrutura. Portanto, ao dominar as estruturas, conseqüentemente, o aluno dominará o texto.

Além dos questionamentos feitos por Lobato (2015), podemos acrescentar a questão colocada por alguns teóricos sobre se devemos ou não ensinar gramática na escola. Esse tipo de questionamento ganhou espaço a partir da década de 1980 e foi motivado, em grande parte, por causa do tipo de ensino de gramática que se praticava, e ainda se pratica em muitas escolas: um ensino baseado na memorização de regras gramaticais e definições, voltado em especial para as exceções e que privilegia a mera classificação e rotulação de estruturas.

A respeito da questão se gramática deve ou não ser ensinada na escola, Chomsky (1984)<sup>3</sup> defende, em carta, a ideia de que gramática deve ser ensinada como uma ciência, como uma maneira para entender como a ciência funciona. Assim, Chomsky escreve:

Meu palpite desinformado seria que o estudo da gramática teria pouco efeito detectável na habilidade de escrita, mas acho que deveria ser ensinado por seu próprio interesse e importância intrínseca. Não vejo como alguém pode realmente ser chamado de “educado” sem conhecer os elementos da estrutura da frase ou que não entenda a natureza de uma oração relativa, de uma construção passiva e assim por diante (...).  
Para esses propósitos, acho que a assim chamada gramática tradicional (digamos, a gramática de Jespersen) permanece hoje uma base muito

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma carta de Chomsky chamada *Noam Chomsky writes to Mrs. Davis about Grammar and Education*, datada em março de 1984, publicada no livro *English Education*, volume *sixteen*, número 3, *October* de 1984. Traduzi alguns trechos da carta e reproduzo os trechos em inglês nas notas.

impressionante e útil para tal ensino. Não vejo nenhuma razão para ensinar gramática estrutural do inglês ou para ensinar gramática transformacional à maneira de alguns livros de instrução que tenho visto (eu realmente não conheço bem a literatura), que simplesmente equivalem a memorizar fórmulas sem sentido<sup>4</sup>.

Percebe-se, por esse trecho, que Chomsky ainda não tem uma ideia formada sobre a influência do ensino de gramática na produção textual, influência essa que é defendida por diversos linguistas, entre eles Pilati (2017: 93), que diz:

Desconsiderar as reflexões gramaticais inviabiliza um aspecto crucial para o desenvolvimento da análise da produção textual, que é a reflexão gramatical. É por meio do manejo das estruturas gramaticais da língua que o produtor de textos irá expressar suas ideias, organizar argumentações, escolher formas de expressar pensamentos. Quando dispensamos as aulas de gramática, por exemplo, perdemos a oportunidade de apresentar a nossos alunos a ferramenta crucial para a leitura e produção autônomas e críticas – a reflexão gramatical.

Ainda na carta endereçada ao Mrs. Davis, Chomsky (1984) mostra que há questões que são, ou que deveriam ser, fascinantes e que deveriam ser ensinadas no lugar das nomenclaturas, a fim de “oferecer um caminho incomparável para compreender a natureza da mente humana. Isso também pode fornecer aos alunos uma maneira de entender como a ciência funciona”<sup>5</sup>. Fazendo uma adaptação para o português brasileiro dos dados de anáfora e pronomes mostrados por Chomsky (1984), como exemplo de temas a serem abordados, temos sentenças como:

(1) A Joana disse que a Maria gosta dela.

Na sentença em (1), o pronome “(d)ela” pode se referir tanto à “Joana” quanto à “Maria” e são dados como esses que as crianças, segundo Chomsky (1984), têm

---

<sup>4</sup> Trecho original: “My uninformed guess would be that the study of grammar would have little detectable effect on writing ability, but I think it should be taught for its own intrinsic interest and importance. I don't see how any person can truly be called “educated” who doesn't know the elements of sentence structure, or who doesn't understand the nature of a relative clause, a passive construction, and so on. (...)”

For these purposes, I think traditional grammar so-called (say the grammar of Jespersen) remains today a very impressive and useful basis for such teaching. I can't see any reason for teaching structural grammar of English or for teaching transformational grammar in the manner of some instructional books that I have seen (I really don't know the literature well at all), which simply amount to memorizing meaningless formulas”.

<sup>5</sup> Trecho original: “I do think it offers an incomparable avenue to understanding the nature of the human mind. It also can provide students with a way to understand how science works”.

acesso no seu cotidiano. É interessante notar, que esse tipo de sentença mobiliza um conhecimento linguístico inconsciente da criança e incentiva a investigação e a criatividade. Conforme escreve Chomsky (1984):

Desta forma, pode-se ser introduzido no maravilhoso mundo da investigação em que se aprende a questionar sobre a natureza do que é visto, superficialmente, como fenômenos óbvios, e a perguntar por que eles são do jeito que são, e a chegar a respostas. Essa é a experiência que geralmente falta no estudo da ciência, a menos que a instrução seja realmente feita de maneira superlativa. Todas essas são razões para estudar a gramática contemporânea - como um ramo da ciência, que lida com questões comparadas, digamos, com a física quântica. Duvido que melhore o estilo de escrita, mas pode ajudar os alunos a aprender como (e por que) pensar sobre questões difíceis e intrigantes e, assim, desenvolver a curiosidade natural que tantas vezes é entorpecida pelo que nós (talvez enganosamente) chamamos de “educação”<sup>6</sup>.

Continuando a reflexão sobre a importância, ou necessidade, do ensino de gramática, outro grande linguista gerativista, Roper (2020: 13), assim escreve:

O que um professor deve ensinar sobre gramática? A linguística moderna afirma que as propriedades da gramática são inatas. Então, seria possível concluir que não há nada mais a ser ensinado. Em outras palavras, a linguagem é como a visão: você nasce com ela. Ainda assim, as crianças precisam, sim, estudar gramática por muitas razões, tanto para permitir a sua autorrealização plena, quanto para que, por meio desse estudo, estejam preparadas para atender à expectativa moral de que respeitem todos os seres humanos.

(...)

A linguagem articula e representa os pensamentos. Portanto, compreender a linguagem e os mecanismos da gramática que a implementam nos dá *insights* profundos, uma visão interna privilegiada do que é um ser humano – e, por isso, essas percepções aumentam nossa capacidade de compreender a profundidade e a sofisticação de todas as dimensões da linguagem humana, podemos entender por que, mesmo aqueles entre nós que não têm tido o privilégio da alfabetização e da educação formal, também possuem habilidades cognitivas sem limites.

Por meio do excerto retirado de Roper (2020), percebemos que o ensino de gramática vai muito além do mero aprendizado das regras que compõem a gramática

---

<sup>6</sup> Trecho original: “In this way, one might be introduced into the marvelous world of inquiry in which one learns to wonder about the nature of what seen. Superficially, to be obvious phenomena, and to ask why they are the way they are, and to coming up the answers. This is the experience generally lacking in the study of the science unless the instruction is really done superlatively well. These are all reasons for studying contemporary grammar - as a branch of science, which deals with questions of as compared, say, with quantum physics. I doubt that it will improve writing style, but it could help students learn how (and why) to think about hard and intriguing questions, and so develop to natural curiosity that is so often dulled by what we (perhaps misleading) call “education””.

de uma determinada língua. Dentro da perspectiva gerativista, o conhecimento de uma gramática tem relação com o próprio conhecimento sobre o ser humano, uma vez que ter uma língua, ter o conhecimento de uma língua, o qual se encontra na gramática interna de cada ser humano, é algo próprio apenas dos seres humanos. Entender, portanto, o funcionamento, ou a natureza da gramática de uma língua é entender um pouco o funcionamento, ou a natureza do próprio ser humano.

Lobato (2015) é uma das autoras que melhor sintetiza o porquê de não abandonar o material gramatical. A autora cita três razões. A primeira delas diz respeito ao fato de que “ao texto e às atividades discursivas em geral subjazer a mesma gramática abstrata que subjaz às palavras, aos sintagmas, às orações e às frases” (p. 25). Essa razão contempla o fato de que o aluno utiliza a mesma gramática abstrata, ou seja, são usados os mesmos princípios para todos esses objetos. O que é natural, uma vez que a mente humana seria antieconômica se utilizasse princípios diferentes para domínios diferentes do mesmo objeto, ou seja, a língua.

A segunda razão, segundo a autora, para não abandonar o material gramatical é porque a “explicitação dos mecanismos de que as línguas fazem uso e de seu efeito semântico ajuda o aluno a ganhar tempo no seu processo de domínio das técnicas do texto e das atividades discursivas em geral” (p. 25). A escrita é mais complexa que a fala, porque tem menos limitações como, por exemplo, a memória, que interfere no discurso oral. Para Lobato (2015), não é possível haver um ensino produtivo sem que os mecanismos estruturais sejam explicitados.

A terceira razão se deve ao uso adequado de um método que deve levar em conta os procedimentos de descoberta, uma metodologia de eliciação e técnica dos resultados. Se bem utilizado, esse método vai ajudar o aluno a chegar por si mesmo à conclusão “de que existe uma faculdade de linguagem e de que ele próprio tem uma gramática interna, biológica”. Para a autora, a visão de língua do aluno mudará e o ensino de gramática terá contribuído para que ele conheça mais da natureza humana.

Quando o professor utiliza um método eficaz com os alunos, se afastando de um ensino que privilegia rotulação, definição e memorização de listas e começa a entender as regras inconscientes que formam o conhecimento linguístico, o aluno será incentivado a ser mais criativo, a entender os dados linguísticos, a ser crítico e a chegar a generalizações sobre sua própria língua.

Atualmente, uma das metodologias mais promissoras é a Metodologia da Aprendizagem Linguística Ativa, conforme delineada em Pilati (2017). Essa metodologia, que tem como base os princípios da aprendizagem definidos por Bransford *et al.* (2007), prevê três princípios:

- (i) Levar em consideração o conhecimento prévio do aluno;
- (ii) Desenvolver o conhecimento profundo dos fenômenos estudados;
- (iii) Promover a aprendizagem ativa por meio do desenvolvimento de habilidades metacognitivas.

A partir dessa metodologia, professores do ensino básico têm desenvolvido trabalhos que possibilitam a compreensão do sistema que subjaz a nossa língua, promovem a tomada de consciência do conhecimento linguístico por parte dos alunos e auxiliam os alunos a se tornarem mais autônomos e críticos. Tudo isso proporciona ao aluno uma melhora em sua produção textual.

É importante ressaltar uma última questão que envolve o ensino de gramática: a questão de que conteúdo gramatical deve ser ensinado. Há diversas propostas sobre o que ensinar nas aulas de gramática. Na carta de Chomsky (1984), há a sugestão do ensino de pronomes e anáforas, que são ótimos exemplos para demonstrar como o conhecimento linguístico do falante pode ser ativado nas aulas de gramática. Pilati (2017) traz uma série de oficinas que contemplam (i) a ativação dos conhecimentos linguísticos, passo fundamental para a tomada de consciência do conhecimento linguístico pelos alunos da educação básica e para acabar com o pensamento, que muitos alunos têm, de que não sabem gramática; (ii) identificação de constituintes; (iii) investigação de estruturas ambíguas; (iv) formação de orações e (v) estrutura das orações e uso da vírgula. Também na esfera dos estudos sintáticos, o texto de Roeper (2020) explora quatro fenômenos que estão na agenda de investigações da linguística contemporânea: recursão, regas de longa distância, elipse e quantificação. Os fenômenos estudados por Roeper (2020) também fazem referência ao conhecimento linguístico inconsciente dos falantes e, como resalta o autor, “ao compreender o poder das regras inconscientes, apreendemos algo profundo sobre nós mesmos e sobre nossas próprias capacidades de criatividade infinitas” (p. 59).

No que tange ao ensino de morfologia, o tópico “classes de palavras” sempre é um dos mais requisitados pelos alunos no curso de Letras. Entre alguns textos que tratam da temática via teoria gerativa, cito Tescari Neto e Perigrino (2019), que analisam o verbo e o substantivo em livros didáticos e defendem que os critérios morfossemântico e sintático não devem apenas ser contemplados, mas também problematizados quando são utilizados na Educação Básica. Minussi (2019), por sua vez, faz uma análise do substantivo e do adjetivo nos livros didáticos e defende que o ensino das classes de palavras deve considerar os processos morfológicos e os processos de formação das palavras. Assim, os estudantes vão observar as mudanças de classe de palavras apresentadas em palavras que são formadas por uma mesma raiz, antes de utilizar critérios variados e definições. Minussi e Barbosa (2021) trazem contribuições para o ensino das classes de palavras com base na metodologia da aprendizagem ativa e da morfologia distribuída. Os autores propõem uma estrutura de formação de palavras, além de um material concreto, o “formador de palavras”, que auxiliará os alunos a fixarem o padrão morfológico que as palavras do português exibem, além de possibilitar aos alunos criarem palavras e observarem as mudanças de categoria que ocorrem durante a formação das palavras.

Por fim, Müller e Martins (2021) reúnem um vasto material sobre ensino de semântica, que descreve e analisa diferentes fenômenos semânticos. O livro, dividido em cinco partes, contempla os seguintes temas gerais: (i) a semântica e os materiais didáticos; (ii) a semântica e o sintagma nominal: artigos, substantivos e pronomes; (iii) a semântica e o sintagma verbal: tempos verbais e locuções adverbiais; (iv) a semântica dos modificadores: adjetivos advérbios e orações subordinadas adjetivas e (v) a semântica para além da sentença: texto, coesão, coerência, conjunções, tópico e foco. Esse material, além de trazer contribuições de renomados linguistas de todo o Brasil, traz, em cada texto, exercícios para serem utilizados em sala de aula e as respostas, o que colabora para a formação e o aprofundamento dos conhecimentos por parte dos professores.

## **OBSERVAÇÕES FINAIS**

Nesta breve apresentação, busquei localizar alguns dos trabalhos sobre ensino de gramática produzidos dentro do campo teórico da Gramática Formal,



especialmente na esfera da Teoria Gerativa. Obviamente, não foi uma tentativa exaustiva de trazer todos os trabalhos já produzidos, tampouco esgotar todas as metodologias empregadas e dar conta de todos os temas relacionados ao ensino de gramática. A intenção principal foi refletir sobre algumas questões relacionadas com o ensino de gramática como, por exemplo, “deve-se ensinar gramática na escola?”, “por que ensinar gramática?”, “que conteúdo gramatical deve ser ensinado?” etc. e ressaltar, talvez, a maior contribuição que o gerativismo tem dado ao ensino de línguas de modo geral, que tem relação com os pressupostos dessa teoria: o aluno, tendo passado pelo processo de aquisição de língua, já sabe uma língua quando chega na escola, ou seja, já possui um conhecimento linguístico inconsciente sobre tal língua. Cabe a nós, professores, auxiliar esse aluno na tomada de consciência sobre o conhecimento gramatical que ele já possui e ajudá-lo a desenvolver e a aprofundar tal conhecimento, de modo que ele possa se tornar um cidadão crítico, consciente e autônomo.

## REFERÊNCIAS

- BRANSFORD *et al.* (orgs). *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola*. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- CHOMSKY, Noam. Noam Chomsky writes to Mrs. Davis about grammar and education. *English Education*. Volume Sixteen, number 3, p. 165-166, 1984.
- LOBATO, Lúcia. *Linguística e Ensino de Línguas*. Brasília: Editora da UnB, 2015.
- MINUSSI, Rafael Dias. Observações sobre classes de palavras e suas definições no livro didático: o substantivo e o adjetivo. In: PILATI, Eloisa; NAVES, Rozana; SALLES, Heloisa (orgs.). *Novos olhares para a gramática na sala de aula: questões para estudantes, professores e pesquisadores*. Campinas-SP: Pontes Editores, p. 119-149, 2019.
- MINUSSI, Rafael Dias; BABOSA, Julio William Curvelo. Ensino de Morfologia: uma proposta de estrutura para o estudo das classes de palavras e da formação de palavras. *ReVel*, 2021.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MÜLLER, Ana; MARTINS, Nize Paraguassu (Orgs.). *Ensino de Gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ROEPER, Tom. Como podemos enriquecer a experiência e a compreensão da linguagem nas escolas? In: ROEPER, Tom; MAIA, Marcus; PILATI, Eloisa, *Experimentando Linguística na*

*Escola: conhecimento gramatical, leitura e escrita.* Campinas, SP: Pontes Editores, p. 13-62, 2020.

TESCARI NETO, Aquiles.; PERIGRINO, Mariana. O verbo e o substantivo em livros didáticos: contribuições da gramática gerativa às aulas de português. *Revista da ABRALIN*, v. 17, n. 1, p. 152-191, 2019.

WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*, 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.